

COMICIO naturalmente não toma partido nas discussões que hoje dividem os cultores das artes plásticas. Somos abstracionistas ferrenhos apenas em matéria de desenhos de gravatas; fora disso, bastante sábios ou inocentes para admirar tanto os pintores de uma escola como de outra. Esta nota é feita especialmente para dizer a Di Cavalcanti e a Portinari que as páginas de COMICIO estão à sua disposição se entenderem de responder alguma coisa ao ataque desse moço inegavelmente talentoso que é Ivan Serpa.

EM 1942, no Comitê da França Livre, Georges Bernanos surpreendeu pequenos esboços distraídos, da autoria de um jovem que frequentava aquela entidade: "Você deve estudar pintura imediatamente" — garantiu-lhe o escritor célebre. E como o jovem confessasse não possuir recursos para tanto, o autor do "Journal d'un Curé de Campagne" dispôs-se a providenciar os meios que lhe permitissem um aprendizado pictórico. Ainda assim o jovem resistiu, preferindo apurar sua cultura através de um curso de língua francesa. Foi-lhe concedida esta oportunidade, e o funcionário tornou-se especialista em minúcias da sintaxe gaulesa.

Em 1947, entretanto, o já Professor de francês Ivan Serpa resolveu entregar os pontos à sua vocação artística: tornou-se aluno de Axel Leskoschek e fez da pintura o principal objetivo de sua vida. Durante três longos anos, exercitou-se pacientemente na arte figurativa, adquirindo suas qualidades artesanais. Desenhou como qualquer aluno de desenho, pintou paisagens e naturezas mortas, fez flores e retratos, com absoluto sucesso.

Em 1950, encontrou-se de repente num bêco sem saída. Sentia já a exaustão dos objetivos reais como temas plásticos e buscava um novo caminho que lhe permitisse enxergar além da realidade. Desta época data o seu contato com Mário Pedrosa, e a descoberta que fez da arte abstrata, estimulado por esse grande espírito.

Daí por diante, elegeu Ivan Serpa o abstracionismo como instrumento de sua força criadora. Tornou-se um dos expoentes da moderna pintura brasileira, conquistando o prêmio "Jovem Nacional", na primeira Bienal de S. Paulo. Seus trabalhos têm importância internacional, figurando em várias confecções estrangeiras.

#### INTERMEZZO TIJUCANO

Fomos visitá-lo sem definidos propósitos jornalísticos, por sugestão de Farnese. O artista reside numa velha casa tijucana, de sabor um tanto colonial, com suas portas e janelas emolduradas de pedra. Entra-se para um jardim desprezível, em cujo chão de cimento o musgo viceja.

— "A casa é muito grande" — foi dizendo o pintor, ao receber-nos.

Entramos para o atelier: duas peças amplas, assoalhadas de tábuas, segundo o honrado costume antigo. Por toda parte — nas paredes, nos cantos, sobre os móveis — telas, desenhos, pastas.

Serpa nos mostra seus trabalhos mais recentes:

— Este quadro — e aponta para um bellissimo abstrato, em negro, vermelho e azul — custou-me um mês de trabalho diário. Ando pesquisando novos processos técnicos, com tintas novas. Parece que tenho conseguido resolver alguma coisa.

#### A ARTE ABSTRATA É ANTIGUÍSSIMA

A conversa se encaminha para temas pictóricos:

— "André Lhote — diz nos Ivan Serpa — em entrevista recente, declara-se um dos iniciadores da pintura abstrata, já pelos idos de 1917, ao lado de Picasso, Gris e Metzinger. Existe nesta afirmação um pequeno engano cronológico. Acontece que a arte abstrata sempre existiu, ao lado da arte figurativa, desde os começos do homem. Entre os árabes, hindus e chineses encontramos esplêndidas criações abstratas. Em tais casos, apenas o trabalho abstrato não possui ainda independência, servindo a finalidades ornamentais".

— "Em nossos dias — continua o artista — a pintura abstrata se completa em si mesma, como expressão, construção e conhecimento do mundo. Vivemos na época da matéria desintegrada, e seria incrível que a arte continuasse presa aos velhos conceitos de objeto, indiferente às formidáveis conquistas do espírito humano no terreno da ciência e da técnica. Ao mesmo tempo, a criação abstracionista procura captar o ritmo essencial da natureza, o seu movimento perpétuo, satisfazendo a uma necessidade humana permanente. Daí o seu duplo aspecto, antigo e moderno, ou melhor: o seu sentido de permanência".

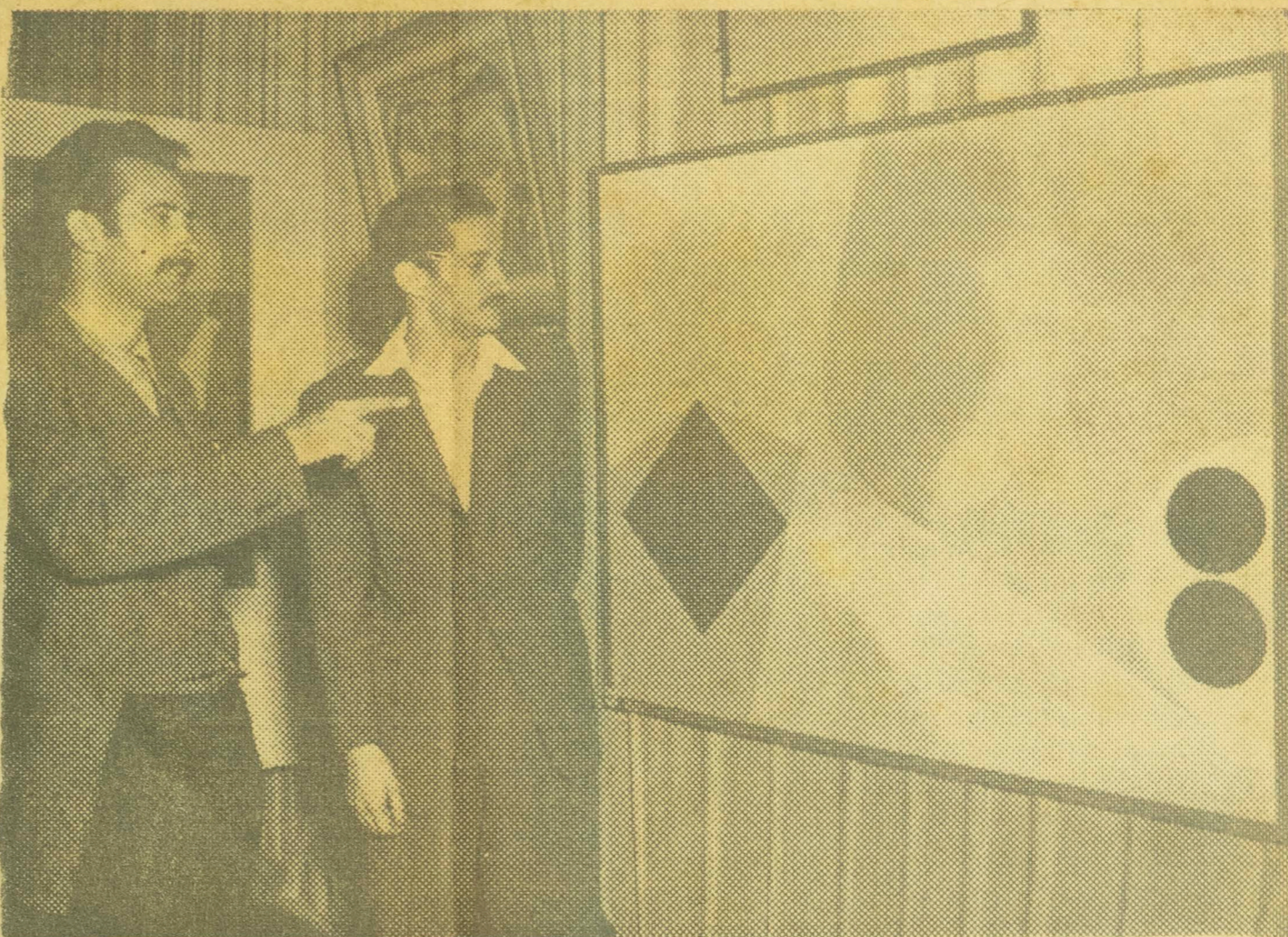
Referindo-se ainda à entrevista de André Lhote, prossegue:

— "O pintor francês, ao atribuir à pintura abstrata um mero significado de pesquisa plástica, demonstra ignorar a essência do fenômeno. Ele tem do abstracionismo uma visão muito francesa, preocupada com a sensibilidade do problema, e não com sua essência. Isto já não acontece aos concretistas suíços dos quais Max Bill é o grande exemplo".

#### A PINTURA NACIONAL

Pedimos a opinião de Ivan Serpa sobre os chamados grandes nomes da pintura brasileira. O artista não se fez de rogado:

— "Argumentarei com dois deles — Portinari e Di Cavalcanti — pois ao seu redor for-



O Escultor Mário Cravo aponta, com o dedo, qualquer coisa que não sabemos. O autor da tela, Ivan Serpa, escuta o comentário.

#### AFIRMA IVAN SERPA:

## "PORTINARI E DI CAVALCANTI NADA TÊM A TRANSMITIR"

Passam Por Autênticos Arautos de Brasilidade, Quando São Apenas Acadêmicos, Declara o Jovem Pintor — Arte Abstrata é Expressão, Construção e Conhecimento do Mundo — Muito Teríamos a Aprender Com as Crianças

Reportagem de HÉLIO PELLEGRINO

mou-se o maior volume de equívocos. Em meu modo de pensar, esses pintores nada têm a transmitir. As gerações jovens nada terão a aprender, estudando as suas obras. Acho mesmo que um tal estudo representaria pura perda de tempo. Tiveram chance — eis tudo — e souberam aproveitá-la. Passam por autênticos arautos de brasilidade, em razão de seus temas e de seu postigo monumental, quando são apenas acadêmicos. Pois a boa pintura, a pintura sincera é antes de tudo universal — e sendo universal, é nacional.

Diante da afirmação do jovem artista, perguntamos-lhe se nada havia que valesse a pena, no panorama de nossa atual pintura:

— Pelo contrário — respondeu-nos — existe muita coisa boa. Cícero Dias, por exemplo, tem importância, como colorista excepcional. Entre os figurativos, prefiro Guignard, com sua sensibilidade e seu lastro poético. Há o fabuloso Emigdio de Barros, ardente em sua mensagem, além de Da Costa e Maria Leontina. Na gravura se destacam o grande Goeldi e Marcelo Grassmann; na escultura, Bruno Giorgi e Mário Cravo.

#### UM POUCO DE QUOTIDIANO

Serpa nos conta um pouco de sua vida:

— "Comecei a trabalhar mui-

to cedo, numa companhia comercial, ganhando trezentos cruzeiros mensais. Meu pai sempre considerou útil que os filhos tomassem desde logo contato com a realidade dura".

Relata-nos um episódio pitoresco em sua vida de empregado:

— "No fim do primeiro mês de trabalho, os trezentos cruzeiros de salário deram um salto, e passaram a quinhentos, por iniciativa do patrão. Uma tarde, após o expediente, chamou-me ao escritório e disse:

— "Aquêles quarenta centavos passarão a valer, de agora em diante, duzentos cruzeiros. Você ganhará, portanto, quinhentos cruzeiros.

— Não entendi nada, a pin-cípio. — continua Serpa.

— Olhei espantado, meu patrão, estranhando aquela linguagem cifrada num homem positivo. Ele tirou-me do embarço, explicando:

— Há cerca de uma semana, você fez um pagamento na Casa Fasanelo e me devolveu o troco; quarenta centavos. Eu mesmo arranjei as coisas de maneira a que sobrasse apenas essa quantia. Tenho feito esse teste inúmeras vezes. Você foi o primeiro empregado a devolver um troco tão pequeno. Para os outros, o exercício da honestidade só se impõe a partir de dois cruzeiros... Continue assim, — arrematou.

— Continuei a ser exato, correto e pontual. No fim de dois anos, ganhava três mil cruzeiros.

#### PROFESSOR DE FRANCÊS

— "Fui lecionar francês num colégio — prossegue o pintor. — Tinha uma grande pena das crianças, vítimas de um programa irracional. Essa coisa de decorar duzentos verbos irregulares envenena qualquer alma".

Dá-nos um exemplo de seu método pedagógico:

— "Numa das classes havia um varão das arábias. Irrequieto, inexecutível na arte de descobrir e executar tretas, atraía para si as mais severas punições. Dificilmente conseguia assistir a uma aula; era expulso logo nos primeiros minutos.

Também não escapei às provocações do pequeno. Um dia, entre dois verbos irregulares, senti-me alvo de um pedaço de giz, que passou raspando a minha orelha. Eu havia visto o autor da brincadeira, e olhava o seu rosto, entre orgulhoso e assustado. Com absoluta calma, dirigi-me a ele:

— Sua pontaria está ruim, eis, meu velho? Você precisa treinar muito, porque assim não carimba nem arranha-céu.

Continuei a aula como se nada tivesse acontecido. Ao terminá-la, uma surpresa me aguardava. O menino, tímido e en-ganado, me procurou para bal-

buciar desculpas. Tornou-se um aluno excelente. Hoje faz parte de meu curso de pintura para crianças, e revela um talento excepcional..."

## PINTURA DE CRIANÇAS

Passamos a falar de pintura infantil:

— Aquêlê trabalho — e Serpa indica um quadro bellissimo — provocou o assombro de André Lhote".

Lembramo-nos de Klee: casas de vários andares, com suas janelinhas arredondadas, superpostas sem perspectiva. E uma extraordinária riqueza de tons, dentro de um conjunto alaranjado, com ramos de árvores e céu azul.

— O pintor francês não acreditou que o trabalho fôsse da autoria de uma criança. "Há técnica demais — dizia — está bem feito demais". — Convidei-o a assistir a uma das aulas do meu curso. Ele teria, então, possibilidade de surpreender o trabalho dos garotos. E se convenceria, sem necessidade de outro argumento".

Os resultados obtidos por Ivan Serpa em seu trabalho com crianças são surpreendentes. No 13º andar do edifício do IPASE reunem-se, aos sábados, cerca de 56 crianças, cujas idades variam de 3 até 14 anos.

— "As crianças têm absoluta liberdade criadora —

explica-nos. — Em geral, chegam à escola viciadas por preconceitos acadêmicos, imitando as piores concepções artísticas do adulto. O falso ensino do desenho, as histórias em quadrinhos e as péssimas ilustrações dos livros infantis completam o estrago. Precisa-se de algum tempo para obter da criança que se liberte dessa bagagem perniciososa. Mas na medida em que ela se apura no exercício de sua liberdade, abandona os velhos vícios e encontra sua forma de expressão pessoal: uma linguagem forte, incisiva, de uma comovedora pureza.

Nossos pintores teriam muito que apreender com as crianças — continua Serpa. — Quantas vezes se queixam de falta de assunto, e se esfalfam na busca do motivo! Gostaria de dizer-lhes: venham, e vejam como os meninos trabalham. Eles valorizam tudo, transfiguram a realidade nos seus humildes aspectos. E lhe conferem uma riqueza emocional profunda e convincente".

## UM ALUNO EXEPCIONAL

O artista nos fala de um seu aluno, considerado por Murilo Mendes "o Rimbaud da pintura":

— "Carlos Val tem 14 anos, e pode ser julgado como pintor autêntico, independentemente de sua idade. Seus trabalhos têm va-

lor como obra de arte, e se mantêm como tal. Aliás, Mário Pedrosa está atualmente estudando sua pintura, e sobre ela escreverá".

E prossegue:

— "E' admirável o poder de concentração dêsse adolescente. Ele trabalha durante cinco horas, sem dizer palavra, e sem interrupção. Repele qualquer interferência naquilo que está criando, e obedece apenas à sua necessidade interior. Se por acaso alguém procura influir — "acho que deveria usar um vermelho, ao invés dêsse verde" — encontra por parte do pintor no uso da cor que ele mesma determinação absoluta — não escolheu.

Um dia — relata-nos Serpa — Carlos Val surpreendeu-me com uma declaração. Resolveu explicar a razão pela qual elide os detalhes da fisionomia humana: olhos, nariz, boca.

— E' que os homens como são — disse o pintor adolescente — com sua cara de todos os dias, morrem sempre. E seus traços desaparecem. Quero fazer alguma coisa que não morra. Um homem sem fisionomia não morre. Ele continua, pois já perdeu aquilo que se gasta com a morte.

— Durante uma semana fiquei pensando nesta lição — arrematou Serpa com um sorriso.

## 15.000 TRABALHOS INFANTIS

O pintor traz uma pasta, com uma parte já selecionada dos trabalhos de seus alunos. São milhares de pinturas no papel:

— "Tenho cerca de 15.000 criações infantis — esclareceu. — Destas, selecionei mais ou menos umas 6.000. O que tenho aqui no atelier é apenas uma amostra. O resto está na escola".

Vai colocando no cavalete os trabalhos dos meninos. Surgem coisas admiráveis, fortes, líricas. O mundo infantil, pulsando em seu próprio ritmo, nos deslumbra.

— "Evidentemente, a "educação" artística veiculada nas escolas se faz no sentido da pauperização criadora dos meninos" — dissemos.

O pintor concorda sem titubear. Conversa sobre os vícios no ensino do desenho. Insiste sobre a péssima in-

fluência dos adultos sobre o talento infantil.

— "A criança nunca é acadêmica" — afirma, enquanto continua a exhibir os trabalhos de seus alunos. Surgem nomes: Ailton, Alice, Balassiano, Carlos Val, e tantos outros. Aparecem telas a óleo, com suas cores álcres e seus temas poéticos: o carroussel, o diálogo num banco, o verde da relva, os bichos, o futebol.

— "E' melhor que Portinari" — alguém comenta.

Serpa sorri, sem dizer nada.

Foi necessário acender a luz elétrica. Percebemos, então, que era noite na Tijuca. Despedimo-nos, com desculpas pela demora. O pintor saiu conosco: ia comprar leite para o seu filho.

FIM